

Mortes pela polícia no Brasil caem pela 1ª vez em 8 anos



Tania de Brito, que teve o filho assassinado em uma ação policial. *Jahus Oliveira/Folhapress*

Mortes pela polícia diminuem no país pela primeira vez em 8 anos

Taxa de negros assassinados por agentes de segurança cresceu 5,8%; na população branca, caiu quase 31%

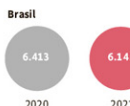
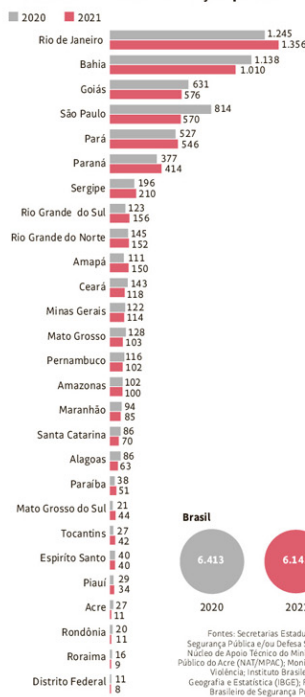
Matheus Rocha

RIO DE JANEIRO O Brasil registrou em 2021 queda na letalidade policial pela primeira vez desde 2013, ano em que a série histórica teve início. Foram 6.145 pessoas mortas no ano passado por intervenções de policiais civis e militares da ativa, em serviço ou fora dele. É uma queda de 4% em relação a 2020, quando 6.413 pessoas morreram por ação de agentes do Estado. O levantamento está no 16º anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado nesta terça-feira (28), e não inclui mortes causadas por agentes federais. Enquanto a taxa de pessoas negras mortas pela polícia cresceu 5,8%, na população branca o índice caiu quase 31%. Dezenais unidades da Federação viram as taxas de letalidade policial caírem entre 2020 e 2021, sendo uma das quedas mais expressivas em São Paulo (30%), onde policiais passaram a usar câmeras

acopladas aos uniformes desde o ano passado. Pesquisador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Dennis Pacheco diz que o estado — que era um dos epicentros da letalidade policial no Brasil — implementou medidas que ajudaram a diminuir a letalidade, como as câmeras. Mas ele diz que, proporcionalmente, a polícia do Brasil ainda mata muito. “A proporção de MVI (mortes violentas intencionais) causadas pela polícia é alta e acima do valor convencional como limite democrático”, explica. Segundo ele, os especialistas consideram que há um uso abusivo da força quando mais de 10% das MVI de um país são causadas por ação policial. “No Brasil, em 2020, esse valor era de 12,8%. Em 2021, foi de 12,9%”. Segundo o anuário, 11 estados apresentaram alta na letalidade policial no último ano. No Rio de Janeiro, houve aumento de 8% nas mortes por intervenção policial.

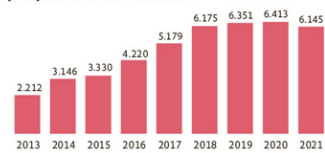
Em 2020, o estado havia reduzido o número em 30%, após o STF (Supremo Tribunal Federal) restringir o número de operações da pandemia. A decisão foi tomada como parte da chamada ADPF (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) das favas. Apesar disso, as comunidades voltaram a ser cenário de operações que deixaram grande número de mortos, como ocorreu no Jacarezinho, onde 28 pessoas perderam a vida em maio do ano passado durante uma ação policial. No Rio, em 2021, foram 7,8 mortes por 100 mil habitantes. No ano anterior, essa taxa era de 7,2. Já em São Paulo, era 1,8 morte por 100 mil habitantes em 2020, número que caiu para 1,2. Em nota, a Polícia Militar fluminense diz que houve queda de 29% nas mortes por intervenção de policiais na comparação entre janeiro e maio de 2021 e 2022, segundo o ISP (Instituto de Segurança Pública).

Mortes decorrentes de intervenções policial



Fontes: Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social; Núcleo de Apoio Técnico do Ministério da Justiça; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Letalidade policial cai no país pela primeira vez em oito anos



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública

“A proporção de MVI (mortes violentas intencionais) causadas pela polícia é alta e acima do valor convencional como limite democrático”

Dennis Pacheco, pesquisador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Homicídios caem no Brasil, mas aumentam na Amazônia

Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO O Brasil apresentou, em 2021, queda de 6% do número de mortes violentas, tendência já observada desde 2018. A redução dos crimes, porém, se deu de forma irregular pelo país. A região Norte, por exemplo, foi a única onde o índice, em movimento contrário, cresceu. Os dados são do 16º anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado nesta terça-feira (28). As MVI (mortes violentas intencionais) reúnem os casos de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes por intervenção policial. Em 2021, foram 47.503 vítimas e 22,3 mortes violentas para cada 100 mil habitantes — menor taxa desde 2011, primeiro ano em que o índice foi registrado. Entre os alvos, 91% são homens, 78% são negros e 51% são jovens. Já na região Norte houve um aumento de 9% nas mortes violentas, com uma taxa de 33,3 casos para cada 100 mil habitantes. É a segunda maior taxa entre todas as regiões, atrás do Nordeste (35,5).

Entre os estados, o Amapá tem a maior taxa (53,8). O crescimento mais acentuado em relação ao ano anterior, porém, se deu no Amazonas, onde foram assassinados em junho o jornalista Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira. Em 2020, o estado teve 1.121 vítimas de mortes violentas intencionais. No ano seguinte, foram 1.676, aumento de 49%. Para reunir os dados em todo o país, o anuário utilizou como fonte as secretarias estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social, a Polícia Civil de Minas Gerais, o Núcleo de Apoio Técnico do Ministério Público do Acre, o Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, o IBGE e o próprio Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Presidente do fórum, Renato Sérgio de Lima diz que a redução das mortes violentas intencionais precisa ser louvada, mas pondera que o Brasil ainda é um país muito violento. “Essa queda não consegue mudar o cenário de medo em segurança ao qual a população brasileira está submetida”. Ele lembra que, segundo

o sistema de dados do Escritório das Nações Unidas para Crimes e Drogas, o Brasil é o país com o maior número absoluto de homicídios do planeta. Com uma população equivalente a 27,7% da população global, respondeu por cerca de 20,5% dos homicídios registrados no mundo em 2020. O pesquisador também diz que a redução das mortes violentas não é consequência de uma política de segurança nacional, mas de outros fatores, como as mudanças demográficas, as políticas locais de prevenção à violência e as ações do crime organizado. Nas últimas décadas, o Brasil passou por um envelhecimento populacional, com redução do número de jovens, normalmente mais envolvidos com a violência letal. A região Norte, segundo Lima, é uma exceção: a parcela jovem da população segue crescendo. Ele afirma que os programas locais de redução de homicídios, pautados na focalização de ações nos territórios, também ajudaram a diminuir a violência. É o caso, por exemplo, do Pacto Pela Vida, em Pernambuco; o Fica Vivo!,

em Minas Gerais; e as UPPs, no Rio de Janeiro. Por fim, Lima observa que os violentos conflitos entre as principais facções criminosas do país, especialmente o PCC e o Comando Vermelho, arrefeceram após seu ápice em 2017. Em alguns territórios, porém, como o Amazonas, onde as mortes violentas intencionais cresceram, as guerras entre os grupos criminosos se acirram. Não fosse a manutenção do

conflito na Amazônia, diz o pesquisador, a queda nacional das mortes violentas poderia ter sido maior. Lima afirma que Tabatinga, cidade no extremo oeste do Amazonas, tem hoje a segunda principal rota do tráfico internacional de drogas e armas do país — o município fica na fronteira com Peru e Colômbia. Ela é controlada pelo Comando Vermelho, mas há disputas por determinados pontos. “A Amazônia é uma síntese da violência brasileira. É uma sobreposição de ilegalidades: crime ambiental, letal, roubos, garimpos”. Abaixo capacidade institucional, representada em parte pelo reduzido número de agentes das forças de segurança em estados do Norte, também pode ajudar a explicar o aumento das mortes violentas na região, diz o pesquisador. Lima afirma, por exemplo, que o Acre tinha em março deste ano 78 delegados de Polícia Civil ativos para todo o estado. “Há sobreposição de crimes e pouca gente para investigar. O Estado não está se fazendo presente

completamente”, afirma. Segundo esta leitura, a baixa capacidade de investigação cria um ambiente permissivo para práticas criminosas. O anuário também mostra que, entre as 20 cidades com as maiores taxas médias de mortes violentas entre 2019 e 2021, 13 estão na Amazônia. Onze delas são rurais, com pequenas populações atingidas pela violência extrema. Nestes municípios, são mais de 100 mortes violentas para cada 100 mil habitantes. “A dinâmica do narcotráfico e das armas tem um peso importante para explicar esta tendência. Em muitas destas regiões, as capacidades institucionais são bem menores do que no Rio de Janeiro ou em São Paulo”, diz Lima. Segundo o estudo, quase todos os 13 municípios estão próximos a terras indígenas e fronteiras com outros países que contam com uma floresta em seus territórios. Um exemplo é Japurá (AM), na fronteira com a Colômbia, perto da rota de tráfico de Tabatinga. Ali, no meu rural, são 114 mortes violentas a cada 100 mil habitantes. Diz também que já pós em operação 2.790 câmeras individuais, “numa iniciativa que visa proporcionar total transparência às ações policiais”. Proporcionalmente, o Amapá tem a polícia mais violenta do Brasil, com 17 mortes por 100 mil habitantes. É quase seis vezes a média nacional, de 2,9 mortes por 100 mil habitantes. O Amapá diz que reestruturou, a partir de 2015, o sistema de segurança pública do estado, investindo mais de R\$ 290 milhões. Com esse aporte, diz ter conseguido diminuir em 18% as mortes por intervenção de agentes do Estado de janeiro a maio de 2022 em comparação ao mesmo período de 2021. O segundo no ranking é Sergipe, com 9 mortes por 100 mil habitantes. Em maio deste ano, Genivaldo de Jesus Santos, 38, morreu em Umbaúba (no interior do estado) após ser asfixiado em uma ação da PRF (Polícia Rodoviária Federal). O estado não respondeu ao pedido de resposta após o fechamento desta reportagem. Embora o anuário não inclua mortes provocadas por agentes da PRF, o caso de Genivaldo jogua mostra quem morre por ação da polícia: majoritariamente homens negros, como Genivaldo. De acordo com o estudo, 99% das vítimas eram homens e 84% negros. De acordo com o fórum, a classificação étnico-racial feita pela perícia ou por informações de profissionais que registraram a ocorrência do crime. A identidade consegue esses dados por meio das secretarias de segurança dos estados. Ainda segundo o anuário, quase 5 em cada 100 mil negros foram mortos pelas polícias em 2021. Entre a população branca, de cada 100 mil, 1 foi morto no mesmo período. Para Pacheco, esse cenário é consequência do racismo no país. Tânia de Brito, 41, diz que o racismo contribuiu para a morte de seu filho. Em setembro de 2019, Juan Ferreira dos Santos morreu com um tiro na cabeça aos 14 anos em uma ação da Polícia Militar no bairro Vicente Pinzón, periferia de Fortaleza, no Ceará. Ela diz que Juan estava em uma praça vendo um show de brega-funk quando policiais militares vieram dispensar o público. Segundo ela, Juan correu com amigos, mas não conseguiu fugir. “Meu filho saiu de casa, me pediu bênção e voltou dentro de um caixão”. Em nota, a PM cearense diz que os agentes participam de capacitações para atendimentos humanizados, mas não respondeu sobre o caso de Juan até o fechamento deste texto.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano **Caderno:** B **Página:** 1